



Gian Lorenzo BERNINI, Êxtases de santa Teresa,  
Capela Cornaro, Santa Maria de la Victoria de Roma, 1647-1652.

## V Centenário do nascimento de Santa Teresa de Ávila, uma santa [mulher] apaixonada

**Para TERESA DE JESUS, Deus é o que há de mais importante na sua vida, um Deus muito próximo e humano. Diz que podemos encontrá-Lo em toda a parte, especialmente dentro de nós mesmas (os), escreve RITA ROMIO, religiosa da Companhia de Santa Teresa de Jesus.**

*“Nada te perturbe, nada te espante, tudo passa, Deus não muda, a paciência tudo alcança. Quem a Deus tem, nada lhe falta, só Deus basta”, Santa Teresa de Jesus (Poesias 9).*

Feliz aniversário e felizes vésperas para ti, **Teresa de Jesus**. Estamos em festa, gratidão e júbilo! Trata-se de nada mais, nada menos que o **V Centenário** do seu nascimento, 24 de março de 1515.

**Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada**, a sua luta continua viva entre nós ao recordarmos a sua força feminina, que fez história. Provocou um movimento de mulheres com o objetivo de viver o espírito evangélico como pobres, orantes e iguais, as **Carmelitas Descalças**. E, como se não bastasse, ao propor isto aos homens, tornou-se um caso raro na história da Igreja, uma mulher reformadora de uma Ordem masculina, os **Carmelitas Descalços**

Quem foi esta mulher, nascida em **Ávila**, Espanha, e que num determinado momento da sua vida decide chamar-se **Teresa de Jesus**? Qual é o seu segredo, que a tornou tão especial que o seu nome atravessou cinco séculos de existência e que foi proclamada Doutora da Igreja? Por que a sua vida e os seus escritos continuam a despertar apaixonado interesse em muitas seguidoras e seguidores? [1]

Certamente, o que a torna fascinante e atual é a narração da sua experiência de integração humana em todas as suas dimensões. Lutou muito para encontrar a verdade. Realizando a descoberta do Transcendente, a sua vida torna-se uma contínua paixão por Deus e pela humanidade. Enfrenta muitas adversidades, mas assume a sua missão com “determinada determinação”.

A leitura dos seus escritos desperta as leitoras e os leitores para a aventura da amizade com o Transcendente, como Alguém que ela encontrou e que deu sentido à sua existência, ao seu agir [2]. Com uma espiritualidade amorosa, libertadora e apaixonada, incentiva a descoberta de Deus dentro de nós, numa relação de amizade com Alguém que nos ama e “sempre nos espera”.

Para **Teresa de Jesus**, Deus é o que há de mais importante na sua vida, um Deus muito próximo e humano. Diz que podemos encontrá-Lo em toda a parte, especialmente dentro de nós mesmas (os). Ao escrever a sua experiência espiritual, fruto da sua amizade com Deus e com as pessoas, deixou-nos o legado de uma espiritualidade para o nosso tempo, podendo nós encontrá-la nos seus vários escritos.

**Santa Teresa** escreve sobre a sua busca e experiência de amizade com as pessoas e com Deus: “Não direi coisa que não tenha experimentado muito”(V 18, 8); “o que disser, tenho-o comprovado por experiência” (V 22, 5; 28, 7).

Trazia consigo a força do amor apaixonado por Deus, por isso anima a permanecer firme no caminho:

“Aos que desejam seguir sem parar, até ao fim, até chegar a beber desta água viva, direi como devem começar. Muito importa, e acima de tudo, ter uma grande e firme determinação de não parar até chegar à meta, surja o que surgir, aconteça o que acontecer, custe o que custar, murmure quem murmurar, quer chegue ao fim, quer morra no caminho, ou falte coragem para os trabalhos que nele se encontram. Ainda que o mundo venha abaixo, havemos de prosseguir” (C21,2).

Para Teresa, a pessoa é como um castelo habitado pela **Trindade** (IM,1-5) à espera do encontro com a sua criatura: “A alma é como um castelo, todo de diamante ou de cristal, com muitas moradas. E, no centro, a principal, é onde passam as coisas mais secretas entre Deus e a alma”. Nele há muitas moradas, que expressam os distintos níveis da relação que a pessoa tem consigo, com os outros, com Deus e com o mundo. O conhecimento próprio é essencial para essa viagem interior. “A porta para entrar nesse castelo é a oração e a reflexão” (IM). Nesse processo, **Teresa** adverte para não ficarmos a olhar para as misérias humanas, e sim para Jesus Cristo, o grande amigo. É um dinamismo onde a pessoa reconhece a sua identidade e o mistério da sua liberdade. **Teresa** adverte que, quando a pessoa se nega ao Amor, está a fechar-se em si mesma (IM6-8). E, para fazer frente a uma antropologia egocêntrica, **Teresa** propõe um dinamismo de êxodo - a pessoa deve entrar dentro de si, autoconhecer-se, aceitando a própria realidade, como também a realidade alheia. A imagem do castelo interior expressa um dinamismo dialético de integração entre interioridade e exterioridade, levando a pessoa a sair de si mesma, vivendo numa relação progressiva de entrega, partilhando os seus dons, criando novas relações.

Outra imagem teresiana para expressar o processo de caminhada da pessoa em relação a Deus é a do bicho-da-seda. Através do símbolo da transformação do bicho-da-seda numa formosa borboleta, **Teresa** quer expressar o chamamento à transformação em Cristo (IIM, 2). Supõe um caminho de morte e vida, ganhos e perdas, segundo a lógica do seguimento, trilhado com Cristo e em Cristo. É na vivência do amor que a pessoa integra todas as suas potencialidades. As crises e contradições podem converter-se em lugar de encontro. A pessoa, sabendo-se amada, responde amando. Sente-se convidada a “conhecê-Lo, amá-Lo, torná-Lo conhecido e amado” [3].

Na analogia teresiana, a pessoa que começa a tratar de amizade com Deus “deve fazer de conta que começa a plantar uma horta em terra muito infrutífera, que tem muitas más ervas, para que nele se deleite o Senhor. Sua

Majestade arranca as más ervas e vai plantando as boas” (V11,6). A própria pessoa é a horta, exposta às intempéries. Ela mesma deve cultivar o terreno, preparar a terra para que esteja em condições de acolher a água da chuva. Essa água é dom de Deus, o Jardineiro. **Teresa** sabe que o seguimento de Jesus Cristo é uma opção pessoal, mas também é dom e graça. O símbolo do cultivo da horta é um convite para a escuta, o silêncio, o acolhimento, a espera e o reconhecimento do dom gratuito de Deus.

A imagem teresiana da amizade talvez seja a que melhor expressa a experiência teresiana da oração como relação viva e interpessoal com Deus. Supõe amor, intimidade, reciprocidade, realismo e capacidade de relação com as pessoas. Sem esses elementos, é muito difícil que a pessoa possa integrar as suas **diversas dimensões**. “Para falar com Deus não é necessário ir ao céu, nem falar em altos brados. Ele está tão perto que ouvirá, basta pôr-se em solidão e olhar para dentro de si” (C28,2). É uma comunicação com Deus de coração a coração: “Pensais que ele está calado? Mesmo que não o ouçamos, Ele fala-nos ao coração, quando de coração lhe pedimos” (C24,5). Teresa anima para contemplar o Mestre na sua humanidade e assim poder conversar com Ele, não com orações complicadas, mas a partir do coração e da vida, “é isto o que Ele mais preza”, conclui ela. “Juntos caminhemos, Senhor, por onde fordes irei eu, por onde passardes hei de passar” (C26,6).

Teresa também faz analogia com a imagem da pessoa apaixonada. A vida não é senão entrega e doação apaixonada e apaixonante. É importante observar que Teresa não se fecha num intimismo. A máxima união com Deus é ao mesmo tempo compromisso com o mundo, solidariedade com a humanidade:

“O Senhor quer obras” (M5). “Procurai ser pregadoras em obras” (C 7,7; 15,6). Na oração, “o importante não está em pensar muito, senão em amar muito... Talvez não saibamos o que é amar... não está no maior gosto, mas na maior determinação de desejar contentar a Deus em tudo” (IVM7; cf. F5,2). “O amor de Deus não consiste nas lágrimas, nas delícias, nas ternuras da oração, mas em servir a Deus com humildade, fortaleza e justiça” (V11,13; IV M1,7). “Se contemplar, ter oração mental, ter oração vocal, curar enfermos, servir nas coisas da casa e trabalhar – mesmo nas tarefas mais humildes – é servir o Hóspede que vem ter connosco ficando na nossa companhia, comendo connosco e connosco recreando-se, que nos importa servi-Lo mais de uma maneira do que de outra?” (C 17,6). “Ensinai mais com obras que com palavras” (R66; C 5,2).

Para **Teresa**, a missão exige ardor missionário, ou seja, ansiedade e ânimo pela causa do Reino.

“Até os pregadores fazem os seus sermões de maneira a não descontentar. A intenção é boa, e também a obra, mas, dessa maneira, poucos se corrigem. E qual a razão de não serem muitos os que pela pregação deixam os vícios públicos? Sabe o que me parece? É que os pregadores têm demasiada

prudência. Não estão tomados pelo grande fogo do amor de Deus, como estavam os **Apóstolos**. Dão calor brando. Não digo que os igualem em ardor, mas quisera mais fogo do que o que agora vejo. ... Os **Apóstolos** ... não se incomodavam com perder tudo ou ganhar tudo, já que quem de facto arrisca tudo por Deus não distingue entre essas coisas (V 16,7).

A caminhada do seguimento a Jesus Cristo pede-nos uma determinação pessoal. Mas não caminhamos sozinhas/os. Para perseverar e avançar no processo, sentimos a necessidade de partilhar e nos animar mutuamente. “Gostaria de insistir que procurem não esconder o vosso talento (cf. Mt 25,5), pois Deus parece ter querido escolhê-los para beneficiar muitas outras (pessoas), especialmente nesta época em que são necessários amigos fortes de Deus para sustentar os fracos” (V15,5).

**Teresa**, mulher que soube enfrentar dificuldades, sabia a eficácia de ter um horizonte amplo: “Viste o grande empreendimento a que desejamos dedicar-nos. ... Está claro que precisamos de trabalhar muito, e muito ajuda ter pensamentos elevados, para que as obras também o sejam” (C 4,1). “É indispensável ter grande confiança. Convém muito não amesquinhar os desejos e confiar em Deus” (V13,2).

Para esta mulher, que amou e experienciou a humanidade de Jesus Cristo, Deus é aquele que está sempre à nossa espera. Não encontrar-se com Ele é “uma pena, muita pena”, diz ela. Certamente, a imensa capacidade de apaixonar-se – por si mesma, pelas pessoas, por Deus e pela humanidade – e manter-se viva por meio da capacidade de doar-se de diversas maneiras fez com que o nome de **Teresa de Ávila** chegasse a nós.

## NOTAS:

1 - Curiosidades: A francesa Marie Françoise Thérèse Martin (1873-1897), conhecida como Santa **Teresinha do Menino Jesus**, foi discípula de Teresa de Ávila. Juana Fernández Solar (1900-1920), chilena, hoje conhecida como Santa Teresa dos Andes, ao tornar-se monja carmelita como Santa Teresinha, também assumiu o nome de Teresa de Jesus. A albanesa Anjezë Gonxhe Bojaxhiu M.C. (1910-1997), Madre Teresa de Calcutá, quando se tornou religiosa de Nossa Senhora do Loreto, admiradora da Santa de Ávila, escolheu ser chamada Teresa. Por considerar muita pretensão parecer-se com a santa espanhola, contenta-se em ser parecida com a humilde carmelita de Lisieux, Teresinha do Menino Jesus.

2 - Cf. MOLINS, M.V. “Teresa mudou o seu nome!”, Porto Alegre: Padre Réus, 2012, p.5-6.

3 - Lema do sacerdote espanhol Santo Enrique de Ossó e Cervelló, que, desde muito jovem, se aproximou de Teresa de Jesus através da leitura dos seus escritos. Cativado pelos ensinamentos da Santa de Ávila, tornou-se o seu incansável divulgador. Entre outras obras, fundou a Companhia de Santa Teresa de Jesus (1876), as Irmãs Teresianas, desejando que fossem santas e sábias como Teresa de Jesus; outras Teresas de Jesus na atualidade, com a missão de “conhecer, amar e tornar Jesus Cristo conhecido e amado.

# Santa Teresa e as prostitutas

Recebi hoje uma carta do José Bento  
que dizia sentir-se um rato diante de Santa Teresa  
eu gosto tanto dele, posso dizer o mesmo  
mas temo seja o que for  
de incalculável

Diante de um rato experimento  
não exactamente repulsa para a qual sou demasiado fraco  
mas uma tristeza submersa  
dissimulada na própria forma  
lembro-me no meu quarto há muitos anos  
a ratoeira armada debaixo da cama  
e o deslizante rumor quase inaudível  
cortado por um clique mecânico  
um cheiro a folhas mortas apoderava-se da superfície  
como se alguma coisa mais longínqua  
ficasse presa daquele artifício

Tenho também uma história cómica com ratos  
que me custou hora e meia da maior vergonha  
reuni em minha casa alguns técnicos de saúde  
e voluntários dessas causas  
para projectar uma ajuda às prostitutas  
e um rato circundou, um por um, os sapatos dos presentes  
e tentava subir os degraus da escada numa necessidade  
que se diria invencível  
as pessoas eram educadas e fizeram todas de conta  
mas eu estava para ali  
afundado num desespero

Quando por vezes vejo tombar  
pelos altos degraus a minha vida  
procuro pensar nos dois ou três interesses que me restam  
entre eles Santa Teresa e o drama das prostitutas

# TERESA D'ÁVILA, a modernidade de uma mística.

## Entrevista com Julia Kristeva

“Encontrei Teresa – conta JULIA KRISTEVA – a pedido de um editor: passei cerca de dez anos com a monja espanhola extravagante, da qual tinha ouvido falar, recentemente, e que se tornou para mim uma figura indispensável da cultura europeia. Fico feliz por ter encontrado, graças a ela, aquele impulso barroco que transformou o catolicismo medieval, e abriu as portas para o humanismo do Iluminismo.”

A reportagem é de **CRISTIANA DOBNER**, publicada no caderno *Donne, Chiesa, Mondo*, do jornal *L'Osservatore Romano*, 02-03-2015.



**Nota da IHU On-Line: JULIA KRISTEVA**, de origem búlgara naturalizada francesa, é uma estudiosa que atua nas áreas da linguística, psicanálise, filosofia e narrativa. Ensina semiologia na *State University of New York* e na *Université Paris 7 – Denis Diderot*. Entre os seus livros citamos “Thérèse mon amour. Sainte Thérèse d'Avila”, Paris: Fayard, 2008, 749 pp. É presidente de honra do *Conselho Nacional Handicap: sensibiliser, informer, former*. Desde 2015, é *Commandeur* da Legião de Honra.

### Como é que abordou a fé de Teresa?

Projetei-me na escrita daquela mulher, que viveu e descreveu uma fé dita mística, em que celebra a sua união com Jesus: “A alma desfaz-se de desejo e não sabe o que pedir, porque, claramente, lhe parece que o seu Deus está com ela” (*Castelo Interior*). “A dor da ferida foi tão grande que me provocou os mencionados lamentos e suspiros, mas o deleite que essa terrível dor me causou foi tão intenso, que foi impossível livrar-me dele, e poder satisfazer-me com algo inferior a Deus. Não é uma dor física, mas espiritual, embora o corpo também participe, e não pouco, dessa dor” (*Vida*). “Nós não somos anjos, mas temos um corpo” e “o Senhor como homem”. E assim por diante.

Também a acompanhei na arte barroca que a aproxima, ainda mais, de nós, modernos, começando pelo êxtase de Bernini, que faz vibrar aquele êxtase no mármore: liquefaz-se sob os meus olhos na igreja de Santa

Maria della Vittoria, em Roma. Mas também a missa que Haydn lhe dedicou, ou o quadro de Tiepolo, em Veneza. Como não sou uma pessoa religiosa, tentei familiarizar-me com o seu modo de sentir e de pensar, ou seja, interpretá-la. Teresa convida o mundo secularizado a reavaliar, incansavelmente e sem preconceitos, a necessidade de crer, subjacente ao desejo de saber.

### **E a sua extraordinária escrita?**

Com efeito, através do recolhimento das leituras e do fervor das orações, mas também deixando-se penetrar pela música, pela pintura e pela escultura, a escrita desta mulher sem fronteiras, oferece-nos o seu corpo físico, erótico, *bon vivant* e anorético, histérico, epilético, que se faz verbo e se faz carne, que se faz e se desfaz em si fora de si, fluxos de imagens sem marcos, constantemente em busca do Outro e da palavra certa. Matriz aberta que palpita pelo amado sempre presente, sem nunca estar lá. Os êxtases de Teresa são, de repente e sem distinção, palavras, imagens e sensações físicas, espírito e carne, ou talvez, justamente, carne e espírito: "O corpo não deixa de participar um pouco, e não muito". Objeto e sujeito, perdida e reencontrada, dentro e fora, e vice-versa, Teresa é um fluido, um fluxo constante. A água será o seu elemento: "Sou tão amiga desse elemento, que o olhei com mais atenção do que as outras coisas"; e a metáfora fluida é o seu modo de pensar.

Trata-se de uma fulguração íntima ou do retorno ao tema evangélico do batismo? O estilo teresiano está, intrinsecamente, enraizado nas imagens, elas mesmas destinadas a transmitir aquelas visões que não são percebidas pela visão (ou, pelo menos, não, apenas, pela visão), mas residem no corpo-e-espírito inteiro, no psique-soma. Tais "visões" podem ser obtidas, primeiro e essencialmente, pelo tato, pelo paladar e pela audição, para depois se chegar à visão. Se a água é o emblema da relação entre Teresa e o Ideal, compreende-se por que razão o seu *Castelo Interior* não se eleva como uma fortaleza, mas se deixa organizar como um quebra-cabeças de moradas, habitações de muros permeáveis, que o divino não domina, mas habita. Significa, apenas, que a transcendência, segundo Teresa, também se revela imanente: o Senhor não está além, mas nela! O que lhe causa problemas previsíveis com a Inquisição.

Em última análise, mais do que nos seus êxtases, o enigma de Teresa está no relato que ela mesmo faz deles: existem esses êxtases fora desses relatos? Ela está plenamente consciente disso: "Criar esta ficção (*hacer esta ficción*) para dar a entender o que digo", escreve ela no *Caminho de perfeição* (28, 10). Nega ser uma teóloga e reivindica, apenas, – com modéstia ou com corajosa modernidade? – ser a autora de uma ficção ("A ficção, aquele elemento vital das ciências do espírito", diria Husserl mais tarde). Uma escritora.

## **Qual o papel testemunhal de Teresa no humanismo de hoje?**

A narradora do meu livro *Thérèse mon amour*, a psicanalista Sylvia Leclercq, que se assemelha a mim, conclui a sua coabitação com Teresa endereçando uma carta a Denis Diderot que, no seu tempo, fustigava os abusos da religião, no seu célebre romance incompleto *A religiosa*.

Mas Diderot, escritor-filósofo do Iluminismo, que iniciara a sua carreira como eclesiástico, chora ao reconhecer-se incapaz de terminar a sua história: porque, liberta dos abusos da vida monástica, a sua religiosa é atirada para uma vida sem sentido. Estou convencida de que a psicanálise freudiana, que interroga os mitos e a história das religiões, abrindo, ao mesmo tempo, as portas da vida interior dos homens modernos, é a via mestra para transvalorar (isto é, repensar o valor dos valores), justamente, esta tradição que nos antecede, e com a qual cortamos as pontes. Nós, as pessoas não religiosas. Mas também nós, as pessoas religiosas reduzidas, muitas vezes, a "elementos de religião".

A releitura que lhe devemos não deve ser apenas abstrata, uma vista de cima. Deve envolver a memória afetiva particular, a intimidade de cada um. O seminário de Lacan faz dela uma descobridora do "gozo feminino", com um título sugestivo: *Ainda*. O gozo feminino seria, portanto, insaciável? Ainda e ainda...

Porque não se limita aos órgãos sexuais, mas inflama todos os sentidos e transporta o corpo no infinito do sentido, enquanto faz precipitar o próprio sentido no absurdo, sintomas e loucuras. Um gozo do qual Teresa é a melhor exploradora e que a exila de si mesma: perpétuo transporte para o Impossível, para o Inominável. Que, contudo, não deixa de convidá-la a falar, a pensar, corpo e alma, paixão da escrita.

Um testemunho extraordinário, se fosse necessário, do fato de que existe um humanismo cristão intenso e ainda mal compreendido, e que a cultura europeia deve reinterpretar, continuamente, se quiser sobreviver ao pensamento-cálculo e refundar-se constantemente.

## **Por que é que aborda uma mulher do século XVI, que continua a conhecer e a estudar?**

Espero tê-la convencido da modernidade desta mística, da forma como ela aparece na minha leitura. Mas talvez possa esclarecê-la melhor sobre a sedução que Teresa exerce sobre mim, recordando duas características da sua obra, minhas preferidas. A primeira seria aquela santa ironia que raia o ateísmo. Numa passagem pouco citada do *Caminho de perfeição*, Teresa aconselha as irmãs a jogar xadrez nos mosteiros, embora o jogo não fosse permitido pelo regulamento, para dar um "xeque-mate ao Rei divino". Uma impertinência que parece um eco da célebre fórmula de Mestre Eckhart: "Peço a Deus que me livre de Deus".

A segunda é formulada por Leibniz, que, numa carta a Morell, de 10 dezembro de 1696, escreve: "Quanto a Santa Teresa, o senhor tem razão em estimar as suas obras; nelas, encontrei aquele belo pensamento, segundo o qual a alma deve conceber as coisas, como se não houvesse Deus e ela no mundo. O que leva, até, a uma importante reflexão em filosofia, que empreguei, utilmente, em uma das minhas hipóteses".

Teresa, inspiradora das mónadas leibnizianas que contêm o infinito? Teresa, precursora de cálculo infinitesimal? Qualquer que seja a modéstia do escrever, esse ato da linguagem amorosa é, ainda hoje – e sempre será – uma experiência que não ignora esses êxtases. A carmelita não inventou a psicanálise, nem a escrita moderna, mas, cinco séculos antes de nós, esclareceu aquela estranha experiência que é o pensamento nas fronteiras do sentido e do sensível, corpo e alma juntos: os segredos da escrita. Teresa é nossa contemporânea.

### **A sua feminilidade diz-nos, hoje, alguma coisa?**

E se a feminilidade de Teresa fosse pós-moderna? Essa santa barroca é de uma sensualidade hiperbólica, mas também sublimada, sem precedentes e única entre as próprias místicas, levadas (mulheres e homens) mais ao sofrimento e ao puro abandono, do que à plenitude dos sentidos. Mas Teresa também é "a mais viril das monjas" (Huysmans): ou seja, de uma bissexualidade psíquica – para retomar a terminologia freudiana – quase reivindicada, exigente.

### **Qual é o sentido de maternidade dessa santa que flui ao longo dos séculos?**

A secularização é a única civilização desprovida de um discurso sobre a maternidade. Enquanto Teresa, nas suas orações, mas também na sua obra como refundadora do Carmelo, descrita detalhadamente nas suas *Fundações*, nos apresenta uma visão e uma prática da sua maternidade simbólica como "madre superiora". Por mais surpreendente que isso possa parecer, algumas das suas reflexões sobre o tema, podem iluminar – mesmo hoje em dia! – as progenitoras (as mulheres que transportam os filhos no ventre) quando se tornam mães: quando vivem a paixão e o desapego desse primeiro vínculo com o outro, que é o vínculo com a criança, e se tornam capazes de transmitir a ternura, a linguagem e o pensamento.

Teresa começa por glorificar o sofrimento como caminho para Deus, e também como caminho necessário da maternidade. Mas também é genial a separar-se do afeto mudo, seja ele dor ou alegria. E recomenda que "não gozemos demais" (quer se trate de gozar de dor, ou de gozar de prazer), mas que "façamos a vontade de Deus", que consiste em "considerar os outros, sem ficarmos de mãos amarradas". Extraordinária esta indefectível dedicação aos outros, sustentada pela alteridade do Outro!

Poderíamos chamar a isto, portanto, dependência materna: não se contentar em gozar em si e por si, mas considerar a existência de um Terceiro, para ter acesso à vontade de respeitar e sustentar os outros, e nunca desistir! Hannah Arendt diagnosticara, após a Shoah, que o "mal radical" começa, a partir do momento em que os humanos se tornam incapazes de "pensar do ponto de vista do outro". Pois bem, para Teresa, ser mãe seria, em suma, exatamente o contrário: a capacidade de pensar a partir da perspectiva do outro. Hoje, o frescor de Teresa permite redescobrir que existe um catolicismo complexo, incomum, que "fala" à intensidade da nossa necessidade de crer e do nosso desejo de saber. Para os quais estamos desprovidos de apoio.

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/540363-teresa-davila-a-modernidade-de-uma-mistica-entrevista-com-julia-kristeva>

## Teresa de Ávila (1515-1582)

**TERESA DE CEPEDA E AHUMADA** nasceu em Ávila, Espanha, no ano de 1515. De família nobre, desde cedo demonstrava traços da sua personalidade forte. Gostava de ler histórias de santos e chegou a fugir de casa com o seu irmão para tentar evangelizar os mouros. A sua mãe faleceu quando tinha 14 anos. Assim, o pai levou-a para estudar no Convento das Agostinianas de Ávila. Quando leu as Cartas de São Jerónimo, disse que iria tornar-se religiosa. Como o pai não aprovou, acabou por fugir aos 20 anos para o Convento Carmelita de Encarnación, em Ávila.

Passados 25 anos, pediu permissão ao provincial para fundar novas casas. A intenção foi buscar uma vida mais austera e numa casa menor, já que vivia com cerca de 200 freiras. Anos depois, fundou a ordem das carmelitas descalças. Também fundou vários conventos e deixou uma extensa bibliografia. Entre os livros mais conhecidos estão *Livro da Vida* (São Paulo: Penguin Classics - Companhia das Letras, 2010), *Caminho da Perfeição* (São Paulo: Paulus, 2014), *Moradas e Fundações* (São Paulo: Paulus, 2014), entre outros. Escreveu também poemas, dos quais restam 31, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas.

Santa Teresa morreu no dia 4 de outubro de 1582, com 67 anos. Foi sepultada em Alba de Tormes, onde estão as suas relíquias. Foi canonizada no dia 27 de setembro de 1970, pelo Papa Paulo VI, que lhe conferiu o título de Doutora da Igreja, e a sua festa é comemorada no dia 15 de outubro. Sobre Teresa, confira *Teresa - A Santa Apaixonada* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), da autoria de Rosa Amanda Strausz, *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995) e *Santa Teresa de Jesus – "Livro da vida"* (4ª ed., São Paulo: Ed. Paulus, 1983).

## flash conciliar 55



## Uma questão de vida ou de morte

“Trazemos connosco de todas as partes do mundo – dizia a Mensagem ao Mundo do dia 21 de Outubro – as angústias materiais e espirituais, os sofrimentos e as aspirações dos povos que nos estão confiados”. Quem de perto se aproxima dos bispos sabe que não se trata de flores de retórica.

João XXIII, acentuando a angústia dos países subdesenvolvidos, exclamou um mês antes da abertura do Concílio: “As misérias da vida social clamam vingança para o Céu!”.

O Cardeal Gerlier, bispo de Lyon, exprimiu-o muito bem e com força, recentemente, em Roma:

“A Igreja tem de se adaptar de maneira mais sensível à situação criada pelo sofrimento de tantos homens e pela ilusão que favorecem certas aparências tendentes a fazer crer que a Igreja não faria disso a preocupação dominante. (...) A eficácia do nosso trabalho conciliar está ligada a este problema. Se não o abordarmos, passaremos ao lado de um dos aspectos mais actuais da realidade evangélica e humana. (...). É necessário que a Igreja se mostre como é: a mãe dos pobres”.

(Fesquet – *O diário do Concílio*, I, p. 103-104)